

**FACULDADE DE DIREITO DE VITÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO**

CAROLINE PETERSEN CREMONINI

**CONSUMO, CORPO E PODER: UMA ANÁLISE DAS
PRÁTICAS DA BODY MODIFICATION**

VITÓRIA
2018

CAROLINE PETERSEN CREMONINI

**CONSUMO, CORPO E PODER: UMA ANÁLISE DAS
PRÁTICAS DA BODY MODIFICATION**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Direito da Faculdade de Direito de Vitória – FDV, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Direito, tendo como professor orientador Prof. Profº Dr. André Filipe Pereira Reid dos Santos.

VITÓRIA
2018

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 O CORPO NA HISTÓRIA	08
1.1 O CORPO COMO AGENTE SOCIAL	10
1.2 O CORPO COMO MERCADORIA	11
2 A HISTÓRIA DO CORPO NO BRASIL	13
2.1 PERÍODO ESCRAVOCRATA	13
2.2 A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA	15
2.3 DITADURA MILITAR	16
2.4 CORPO, MÍDIA E ESTÉTICA	17
3 MODIFICAÇÕES CORPORAIS	19
3.1 MODIFICAÇÕES CORPORAIS EXTREMAS	20
3.2 PESQUISA DE CAMPO	25
3.2.1 Análise das entrevistas	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as constantes transformações do corpo no meio social ao qual está inserido, de modo a procurar compreender como as práticas sociais e a influência dos meios de comunicação são capazes de moldar o indivíduo na sociedade. Neste sentido o presente artigo está pautado numa análise do corpo na história ocidental e, em um segundo momento em uma análise sociológica e antropológica do corpo no Brasil, em especial, nos períodos de intensa repressão do corpo, como o período da ditadura militar, por meio de uma análise antropológica e jurídica. No terceiro capítulo, serão analisadas as transformações corporais conhecidas como extremas, em especial a prática do *eyeball tattoo*, procedimento no qual é injetado tinta da cor escolhida pela pessoa no espaço entre a conjuntiva e a esclera, pigmentando, assim, a parte branca dos olhos. Neste sentido, o corpo representa um objeto reconfigurável de acordo com as exigências e influências da sociedade ao qual o indivíduo está inserido.

Palavras-chave: Corpo, modificações corporais, *eyeball tattoo*.

ABSTRACT:

The present work aims to understand the constant transformations of the body in the social environment to which it is inserted, in order to try to understand how social practices and the influence of the media are capable of shaping the individual in society. In this sense, the present article is based on an analysis of the body in Western history and, secondly, on a sociological and anthropological analysis of the body in Brazil, especially during periods of intense repression of the body, such as the period of the military dictatorship, through an anthropological and legal analysis. In the third chapter, we will analyze the body transformations known as extreme, in particular the practice of eyeball tattoo, a procedure in which ink is injected of the color chosen by the person in the space between the conjunctiva and the sclera, thus pigmenting the white part of the eyes. In this sense, the body represents an object reconfigurable according to the demands and influences of the society to which the individual is inserted.

Keywords: Body, body modifications, eyeball tattoo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia de esscarificação	21
Figura 2 – Fotografia de branding	21
Figura 3 – Fotografia de implante subcutâneo	21
Figura 4 – Fotografia de suspensão	22
Figura 5 – Fotografia de nulificação de parte do nariz	22
Figura 6 – Fotografia de bifurcação de língua	23
Figura 7 – Fotografia de alargadores de orelhas	23
Figura 8 – Fotografia de eyeball tattoo	24

INTRODUÇÃO

O corpo juntamente com o indivíduo, tem se transformado ao longo do tempo de acordo com as mudanças sociais e culturais a sua volta. Busca-se, através das mudanças corporais, enquadrar-se ao ambiente ao qual está inserido ou deseja inserir-se.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo a análise do corpo e de seus diferentes sentidos e transformações ao longo do desenvolvimento das sociedades, bem como compreender os fatores e elementos que influenciam o indivíduo em seu desejo de reconfigurar-se.

Tendo como base uma visão interdisciplinar, buscar-se-á a compreensão do corpo através de um exame histórico sociológico antropológico e também jurídico por meio do estudo de um período histórico. Para tanto será utilizado autores como David Le Breton, Jean Baudrillard e José Carlos Rodrigues.

Desta maneira presente trabalho será dividido em dois capítulos. No primeiro será feita uma análise histórica ocidental do corpo, tendo como ponto de início a idade média até os dias atuais.

Já o segundo capítulo tem enfoque na repressão do corpo na sociedade brasileira, especialmente nos períodos de escravidão, ditadura militar, e em relação às mulheres na sociedade patriarcal. Por fim será analisada a influência da mídia no atual contexto sócio cultural.

O último capítulo serão analisadas as transformações corporais conhecidas como extremas, em especial a prática da *eyeball tattoo*, procedimento no qual é injetado tinta da cor escolhida pela pessoa no espaço entre a conjuntiva e a esclera, pigmentando, assim, a parte branca dos olhos. Este capítulo contará também com uma pesquisa de campo, em que foram entrevistados adeptos da modificação corporal extrema conhecida como *eyeball tatto*.

1 O CORPO NA HISTÓRIA

O ser humano é, conforme Aristóteles (2002), um animal social. Dotado do dom da comunicação, este consegue se relacionar de forma mais íntima e direta com os seus semelhantes. Esta comunicação entre os seres se dá de diversas formas, podendo ser através da fala, imagens, sons e até mesmo o corpo.

A sociologia do corpo, segundo Le Breton (2007), é um ramo da sociologia imbuída de compreender o corpo como um fenômeno cultural e social. Esta análise através do estudo histórico é de grande valia, tendo em vista a constante modificação do conceito de corpo ao longo dos tempos e em relação a cada sociedade.

Tendo como análise apenas a história ocidental, a partir da Idade Média, período compreendido entre o século V e XV, há neste período um grande domínio da Igreja Católica sobre o povo europeu. O teocentrismo defendido pela igreja importava aos seus súditos a obrigação de aceitar que a palavra da Igreja era a Palavra de Deus, assim sendo, esta seria inquestionável. Neste período, a relação do corpo era estritamente ligada ao pecado. O corpo, em especial o feminino era considerado então o “lugar das tentações” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26).

A estrita relação entre corpo e pecado nesta época levou a Igreja a considerar modos de satisfação como atentado às normas divinas. A gula passou então a ser considerada pecado pelo simples fato de satisfazer vícios, assim como a fornicação. Tendo isso em vista, o sexo e a virgindade passaram a ser vistos como atitudes de grande valor, apenas permitido entre um homem e a sua esposa.

Ainda na Idade Média, a Igreja Católica começa a ser questionada sobre sua real representatividade de Deus na Terra e, com isso, a visão de corpo inviolável vem sendo posta em cheque. Há nesse momento a substituição da Igreja e de Deus pelo homem e a razão.

Referência desta época é Leonardo Da Vinci. Dentre tantas obras, o Homem Vitruviano mostra o ideal deste momento histórico: a centralização humanista, o classicismo e o corpo do homem como fonte científica.

O período da Revolução Industrial foi o responsável pelo início do novo meio de produção humana. Surge neste período a visão ao corpo do homem não mais como ser científico e racional e sim como peça fundamental para o funcionamento das máquinas.

Eram, portanto, os homens, mulheres e crianças desta época submetidos a tratamentos desumanos com o intuito de conseguirem produzir aquilo que era determinado. O corpo humano era apenas mais uma peça na engrenagem do grande sistema industrial e era facilmente substituído por um semelhante com mão-de-obra igualmente barata.

Ainda não era encontrada neste período uma esperança quanto ao homem como ser humano. O mesmo havia se tornado uma mera peça na indústria. Seu corpo era manipulável, transformando-se em uma ferramenta utilizada para a produção em massa.

O homem e seu corpo passam a ser regidos pelas normas e regras ditadas pelos padrões, detentores do poder e do controle de seus operários. Surge neste contexto o que é chamado por Foucault (1979) de poder disciplinar, segundo o qual o corpo é administrado conforme as necessidades e interesses do patrão.

Já na atualidade, com o avanço tecnológico e dos meios de comunicação, o corpo se torna objeto de transmissão e recepção de informações (LE BRETON, 2016), o que favoreceu a adoção de um modelo estereotipado do corpo, sendo esse influenciado pela padronização do comportamento da sociedade capitalista.

Nesse sentido, a espetacularização do corpo, transformou-se prática comum do discurso midiático como forma de disseminação do culto ao corpo e estratégia para a venda de produtos e procedimentos relacionados à beleza, transformando algo trivial em um verdadeiro espetáculo.

1.1 O CORPO COMO AGENTE SOCIAL

No século XXI, a preponderância do corpo como agente das diferenças sociais se torna ainda mais evidente. Segundo o sociólogo francês Le Breton (2016), nossa vida passa a ser uma interpretação do mundo através do nosso corpo.

Na sociedade moderna, o corpo também adquire um valor de identificador de classe social, assumindo um valor simbólico (GOLDENBERG, 2002, p. 10), o que pode ser exemplificado por meio do aumento constante de intervenções cirúrgicas como o uso de implantes de silicone, uma vez que tais intervenções, além de embelezarem o corpo, revelam o poder econômico elevado de quem utiliza tais procedimentos.

Além das intervenções cirúrgicas, outro meio que evidencia esta diferença é a utilização da tatuagem, sendo pois uma espécie de representação de tribos urbanas e sociais. A tatuagem deixou de ser considerada um registro de marginalidade e se tornou uma forma de expressão cada vez mais ampla e especializada (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014, p. 746-755), em que não é apenas registrada nas camadas mais populares, como também nas classes dominantes.

O corpo é evidenciado por Bourdieu (2007) como agente revelador das disposições do habitus. É manifestado por meio das diferentes formas de cuidar do corpo e de mantê-lo, de maneira que a relação do indivíduo com o habitus ao qual está inserido faz com que o mesmo adeque seu corpo conforme as suas necessidades, como por exemplo, a postura e vestimenta no ambiente de trabalho.

Quer seja ao se observar as condições corporais físicas, tais como as dimensões de volume e peso, e das diferentes formas do corpo, seus adereços e adornos, é possível verificar determinado padrão presente no indivíduo que participa de uma determinada sociedade.

O corpo, então, não é apenas como um conjunto de músculos e ossos, mas é, também, composto em parte por aquilo que está a sua volta (GOELLNER, 2003, p.

29). Tal afirmativa é observada por meio do uso de roupas e acessórios que o adornam, e o delimitam a determinadas funções sociais, como as profissionais.

É também o corpo composto pelos sentidos que nesse se operam e nele se incorporam, evidenciando reflexos e sensações (GOELLNER, 2003, p. 29). Assim, o corpo não se altera apenas pela composição biológica, mas pelos fatores culturais e sociais atribuídos a ele.

1.2 O CORPO COMO MERCADORIA

Há ainda, a possibilidade do estudo do corpo como mercadoria. Segundo Baudrillard (1995), o corpo se tornou um objeto de dominação do homem, e este se vê obcecado pela busca da juventude e virilidade eternas.

Nesse sentido, o uso do corpo é tido como mercadoria quando a pessoa que enaltece o próprio corpo - que está dentro do modelo "ideal" de estereótipo - passa a utilizá-lo como referência às outras pessoas para o consumo de produtos diversos.

Sendo assim, as pessoas que não estão dentro do padrão ideal e desejam tê-lo acabam por serem influenciadas por propagandas e anúncios de produtos e serviços, especialmente de seus "ídolos", a fim de alcançarem o mesmo corpo "perfeito" que estes possuem.

Santaella (2004, p. 125) irá dizer que o discurso midiático tem grande influência sobre as pessoas, sobretudo no poder de persuadi-las a alcançarem a felicidade por meio do ideal do corpo publicitado.

Para Siqueira e Faria (2007, p. 178-180) o alcance do corpo desejado não se satisfaz apenas pelo alcance final, mas tem em seu meio para o alcance do resultado esperado um espetáculo mais ainda desejado do que o seu fim.

Tendo em vista que, embora se deseje, num primeiro momento, o alcance final do corpo idealizado, a notoriedade que se conquista no percurso até o fim desejado - haja vista os elogios advindos das outras pessoas que acompanham sua transformação - permite uma maior satisfação ao indivíduo do que o mero contentamento de se obter o corpo que era desejado.

Em consonância com Siqueira e Faria (2007, p. 171-188), Santella (2004) irá dizer que os discursos midiáticos não fazem outra coisa senão propor ao indivíduo um alcance de um corpo que é propagado como ideal.

No entanto, como dito por Siqueira e Faria (2007, p. 179), a conclusão do processo de transformação do corpo não se torna, no fim das contas, o que irá interessar ao indivíduo, mas sim a atenção que as pessoas ao redor o darão.

Para Siqueira e Faria (2007, p. 179) o meio de alcance do corpo ideal se torna mais importante que o resultado, pois este conclui a etapa final, e não permite mais que o indivíduo se sujeite às atenções ganhas pela mudança de sua vida.

A busca pelo corpo perfeito torna-se então, algo estanho ao próprio eu do indivíduo, que se torna mero objeto a mercê das transformações idealizadas pela mídia, a fim de que o indivíduo seja reconhecido pelo corpo que possui, e seu corpo seja motivo de desejo pelas pessoas que não conseguiram alcançar o corpo perfeito.

Neste contexto, Rodrigues (1986) irá dizer que o corpo transcende o indivíduo na busca pela aceitação social. Nesta mesma lógica, Menezes, ao citar Vladimir Safatle (SAFATLE, 2004, *apud* MENEZES, 2008), chamará esta busca incessante por novas transformações de “corpo reconfigurável”.

O corpo, torna-se então, vítima da sociedade. A forte influência da mídia no contexto social e cultural da sociedade atual, por meio da imposição de padrões corporais idealizados, retira do indivíduo sua própria subjetividade, uma vez que padroniza o indivíduo, sem que o mesmo se dê conta disso.

Logo, em busca da aceitação social, e da configuração de um eu, o indivíduo se vê disposto a moldar-se aos padrões sociais, transformando-se em algo flexível aos padrões existentes, sem exigir a obrigatoriedade de um padrão claro a ser seguido. (SAFATLE, 2004, *apud* MENEZES, 2008)

Nota-se, por exemplo, o aumento do número de cirurgias plásticas realizadas ao redor do mundo com finalidade exclusivamente estética, estando cada vez mais disseminada por redes sociais e mídias televisivas uma sociedade de espetáculo, capaz de levar ao esquecimento aquele que deixa de transformar-se conforme os ditames da moda.

Neste sentido, é evidente que o corpo tem se transformado de acordo com a sociedade ao qual está inserido, de modo que as práticas sociais, que ora se pautam em um consumo exacerbado e influenciado pela mídia, constituem em um meio de mudança do indivíduo frente as exigências sociais, em busca da aceitação social, e não de si mesmo.

2 A HISTÓRIA DO CORPO NO BRASIL

2.1 PERÍODO ESCRAVOCRATA

Em busca do ouro e de novas conquistas, os portugueses chegaram à terra desconhecida com o objetivo de explorá-la ao máximo como suas colônias.

Uma nova forma de comércio se criou com a venda de escravos, no qual os traficantes, como mão de obra barata, traziam a força os africanos, os quais eram capturados e colocados em navios, sem nenhum tipo de higiene. Diante das precárias situações, muitos não aguentavam e acabavam morrendo durante a extensa viagem.

Os sobreviventes da viagem, assim que desembarcados, eram vendidos nas feiras, e se tornavam propriedade de quem os comprava, quais sejam, os senhores de

escravos, se tornando, então, meros objetos a serviço do senhor. O escravo não detinha mais o poder sobre seu corpo, de maneira a poder dispor do mesmo da forma que bem pretendesse. Nesse contexto da escravidão e subordinação, é possível fazer uma analogia ao poder disciplinar de Foucault (1979), no qual o corpo do escravo passa a ser administrado conforme os interesses do senhor de escravos.

O corpo do escravo açoitado era, pois, um símbolo de insubordinação e resistência diante de uma sociedade pautada na utilização econômica do corpo subordinado. A insubordinação configurava um prejuízo à economia escravista, pois causava prejuízo ao senhor, já que o escravo açoitado representava um indivíduo a menos para a labuta.

Os castigos corporais eram permitidos pelas Ordenações Filipinas e pela Igreja Católica, sendo realizado por etapas¹. No entanto, a mínima legislação existente aos açoites, regulada nas cidades, quase não existia nas fazendas. Os raros critérios de avaliação das penas e aplicação dos castigos, embora arbitrados pelo senhor, eram aplicados pelos feitores que, por vezes, exageravam. (COSTA, 1998).

A sujeição escravocrata só teve fim com a Lei Áurea, no entanto, a liberdade se tornou um novo fardo a ser carregado pelos ex-escravos, pois o governo, ao contrário de outros países, não se importou em integrá-los à sociedade, de maneira que passaram a enfrentar diversas dificuldades para sobreviver, sendo o racismo a marca mais indelével deste tempo.

O preconceito racial ainda é amplamente difundido na sociedade brasileira, mesmo que mascarado: é notória a diferença de tratamento no meio social e nas mais diversas camadas sociais entre brancos e negros, quer seja com as discrepâncias salariais ou em modos sutis.

¹ [...] depois de bem açoitado, o senhor mandará picar o escravo com navalha ou faca que corte bem e dar-lhe com sal, sumo de limão e urina e o meterá alguns dias na corrente, e sendo fêmea, será açoitada à guisa de baioneta dentro de casa com o mesmo açoite (LARA, 1988, p. 74-75).

2.2 A MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Embora de forma diferente, a mulher, assim como os escravos, era considerada um mero objeto subordinado aos caprichos do marido/senhor. Na sociedade patriarcal, a mulher, quando solteira, devia viver sob os cuidados de seu pai, e quando casada, se tornava subjugada ao seu marido.

À mulher, cabia apenas o aprendizado de técnicas manuais e domésticas, sendo ela proibida de possuir os mesmos direitos que os homens, não sendo atribuído ao marido na vigência das Ordenações Filipinas nenhuma penalidade aos castigos corporais aplicados pelo mesmo à sua mulher.

O primeiro código civil republicano continuou a adotar a mesma linha conservadora-patriarcal, garantindo ao homem o exercício do pátrio-poder, e à sua mulher, apenas secundariamente².

Com o advento da segunda Guerra mundial e a entrada do Brasil na guerra, além de outros acontecimentos variados, como a famosa Queima do Sutiã pelas mulheres francesas, as mulheres brasileiras puderam conseguir mais liberdade para lutar pelo que queriam, e passaram a disputar espaço no mercado de trabalho, principalmente com a ida dos homens para a Grande Guerra. Após esse período houve uma reconfiguração da posição da mulher na sociedade, por conseguinte, essas mudanças sociais provocaram mudanças importantes na legislação.

Dessa forma, o Estatuto da Mulher Casada (BRASIL, 1962) permitiu a mesma exercer uma profissão lucrativa, podendo dispor de seus bens da forma que melhor entendesse. Neste período, foi desenvolvida a primeira pílula anticoncepcional, permitindo à mulher ter um maior controle de seu corpo e ter sua independência financeira.

² Conforme disposto no artigo 242 do Código Civil de 1916. “Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do marido. I - praticar os atos que este não poderia sem consentimento da mulher (art. 235); II - Alienar ou gravar de ônus real, os imóveis de seu domínio particular, qualquer que seja o regime dos bens; III - Alienar os seus direitos reais sobre imóveis de outrem; [...]”.

Consoante ao que foi dito, em 1977 foi promulgada a Lei do Divórcio (BRASIL, 1977), dando a oportunidade de a mulher por fim ao casamento. Esta lei possibilitou a mulher exercer maior controle sobre si e seu corpo, diminuindo de forma acentuada os resquícios de uma sociedade patriarcal.

No entanto, a violência contra a mulher ainda é uma realidade no Brasil. Embora ela tenha o direito de dispor de seu corpo, a ignorância de parcela da população, em grande parte machista, requer a necessidade de leis, como a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), para diminuir os casos de violência.

2.3 DITADURA MILITAR

O período da ditadura brasileira, compreendido entre os anos de 1964 a 1985 foi de intensa repressão física e psicológica às parcelas da população que não concordavam com o regime. Há, neste período, a edição de Atos Institucionais como garantia da constitucionalidade dos métodos de ação e dos órgãos de repressão militares.

O emprego do AI-5 configurou-se como o maior período de repressão da ditadura, no qual a busca pela contenção por parte dos órgãos de repressão, dos sistemas de comunicação, dos órgãos de representação política e partidária e demais meios de liberdade de expressão foram reprimidos por meio de manobras militares, com o emprego de violência àqueles que lutavam contra. (ALVES, 1987, p. 141)

O AI-5 decretou a suspensão dos direitos políticos, a restrição de direitos públicos e privados, dando margem para uma intervenção federal sem limites constitucionais. Com sua edição, houve a suspensão do habeas corpus, garantia constitucional de proteção ao direito de liberdade de locomoção que pode ser utilizada quando o indivíduo se achar ameaçado de sofrer violência ou sofre-la, por ilegalidade ou abuso de poder. (BRASIL, 1968)

A supressão deste remédio constitucional permitiu, claramente, que militares utilizassem de métodos de tortura e violência física aos contrários ao regime. Segundo Viñar (1992), o corpo torturado se torna símbolo e testemunha encarnada do acontecimento.

A tortura transforma o sujeito em vítima, rompendo com a própria singularidade humana, de permitir ao indivíduo se reconhecer com os seus semelhantes. Neste sentido, há uma perda, por parte do torturado da sensibilidade interior para se auto reconhecer após a "depredação" de seu corpo. (VIÑAR, 2008).

Além da tortura, a obscuridade com relação às notícias das pessoas apreendidas, que não sobreviveram à tortura ou foram mortas pelos órgãos militares opressores geram a família a predominância da dúvida e o apego ao passado. (SOUZA, 2015, p. 10-12) uma vez que não permite enlutar-se diante da possibilidade da pessoa estar viva.

O luto permite ao indivíduo cessar a dor existente diante de uma perda, de modo a permitir ao enlutado desvincular-se do indivíduo morto. Por isso, a falta de informações quanto ao desaparecimento somado à ausência do corpo de uma pessoa produz aos familiares uma sensação de impotência diante da inexatidão das informações, causando mal estar aos mesmos, pois nunca saberão ao certo, o que ocorreu, tendo em vista a ausência física do corpo não ser capaz de trazer respostas aos parentes sobre as causas da morte do indivíduo.

2.4 CORPO, MÍDIA, E ESTÉTICA

Atualmente, a busca por um corpo perfeito tem levado as pessoas a cometerem excessos descabidos. Segundo estatísticas, o Brasil é o segundo país que mais faz cirurgias plásticas para fins estéticos, perdendo apenas para os Estados Unidos. (LENHARO, 2016). Esses dados evidenciam a afirmativa de Baudrillard (1995), no qual o homem se vê obcecado pela busca da juventude e virilidade eternas.

A “necessidade” de conquistar o corpo perfeito, como já dito, leva as pessoas a buscar o resultado a qualquer custo, de maneira a desejar eliminar parte de seu corpo quando achar necessário, para obter o corpo que deseja.

Espera-se que a modificação corporal por parte do indivíduo que a requeira, permita ao mesmo situar-se no seu grupo, ou permita a sua inserção ao meio social a que quer pertencer. O corpo é, como dito por Safatle (2004, *apud* MENEZES, 2008) um objeto reconfigurável a disposição do indivíduo que deseja transformar-se.

Quer seja apenas para fins estéticos ou por necessidade, a autonomia sobre a disposição do corpo é limitada pelo Código Civil, sendo apenas permitida a diminuição permanente por exigência médica (CÓDIGO CIVIL, 2002)

Se evita, com tal proibição, que as pessoas ajam por impulso, sobretudo estimulados pelos meios de comunicação como as redes sociais, ou busquem procedimentos invasivos sem nenhuma orientação adequada, que ateste a necessidade e os eventuais riscos para a saúde.

Ao tratar do transexualismo Lacan (1971-72) ressalta o que chama de erro comum cometido pelo transexual ao achar que o que irá libertá-lo de se sentir num corpo que não reconhece como seu será a realização da cirurgia para a retirada ou mudança de seu órgão.

Há, por parte do próprio indivíduo, uma certa dificuldade, principalmente devido à influencia da mídia, de se auto conhecer, haja vista as variadas identidades de gênero que existem na sociedade e a necessidade de escolher de imediato uma delas. Seria, pois, a cirurgia, capaz de permitir ao indivíduo que é submetido à intervenção, uma maior facilidade para se aceitar, por acreditar também que será aceito pelos demais membros da sociedade.

No entanto, o fato da cirurgia não ter mais volta, leva aos que incorrem em erros, por vezes, ao suicídio, por não conseguir encontrar-se, por meio da mudança realizada, a plena satisfação que esperava alcançar.

O suicídio se torna resposta para a pressão social, que exige do indivíduo uma posição definidora de sua identidade, impondo que o indivíduo adeque-se as regras existentes na sociedade, o que leva algumas pessoas a optarem pelo suicídio, quando não conseguem ajustar-se ao padrão. (DURKHEIM, 2000, p. 381-394).

3 MODIFICAÇÕES CORPORAIS

Até o presente ponto do trabalho foi realizada uma análise acerca do corpo ao longo dos anos. É possível notar as constantes transformações do indivíduo e de seu corpo, que deixou de significar um templo pecaminoso para obter várias nuances reconfiguráveis a todo tempo.

Segundo o sociólogo Bryan Turner (1992) o corpo, que no início do capitalismo era relacionado à disciplina e ao ascetismo, agora é recriado para o divertimento do indivíduo e seus desejos. O corpo passa a ser, então, a expressão do ser individual, projetado e adaptável aos anseios pessoais.

Segundo Pires (2013), vivemos em uma sociedade extremamente visual e inconsistente que está em constante renovação, onde é cada vez mais difícil a sobrevivência de características próprias. Neste sentido, certos indivíduos, por sua vez, repetem em seu corpo a constante mutabilidade vista em volta.

Neste sentido, ressalta Pires (2013) que os adeptos da *body modification*, que constituem diversas práticas permanentes de alteração da superfície e da forma corporal (VIEIRA, 2015, p.119) e sem razões médicas, utilizam de seu corpo para registrar suas emoções, lembranças e acontecimentos especiais em que acreditam.

Como visto, algumas modificações corporais, como a tatuagem e *piercing* tornaram-se comuns a diferentes pessoas e classes econômicas, deixando de ser uma espécie de atributo dos indivíduos marginalizados para configurar-se um adorno desejado por muitos, e objeto de várias tendências entre cores e estilos. (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014, p. 746-755).

Também não se pode olvidar das cirurgias plásticas, que em sua grande maioria visam à reconstrução do corpo por motivos estéticos e não por razões médicas, e representam forma de transformação bem vista pela sociedade, mas que não deixa de ser uma espécie de modificação corporal, assumindo, assim, um valor simbólico de classe social, como analisado por GOLDENBERG (2002, p. 10).

Em outra perspectiva que será analisada adiante, outras modificações corporais denominadas extremas podem vir a representar riscos à qualidade de vida do adepto, tendo em vista que algumas delas são tão extremas que são desaconselhadas por interferirem na anatomia do sujeito.

3.1 MODIFICAÇÕES CORPORAIS EXTREMAS

Entende-se por *body modification* extremas as práticas de alteração corporal que modificam radicalmente o corpo do indivíduo, adornando-o com pinturas, cicatrizes, cortes, dentre outros, podendo o indivíduo fazer o uso combinado de uma ou mais técnicas.

São conhecidas como modificações extremas: a escarificação (FERREIRA, 2004, p. 72), que é um procedimento de inscrição na epiderme de figuras ou desenhos, através de cortes com bisturi ou outro instrumento cortante, com o objetivo de formar a imagem desejada com a cicatrização (figura 1); o *branding* (FERREIRA, 2004, p. 72), em que o processo de inscrição na pele de figuras geométricas ou desenhos ocorre por meio de queimadura com ferro em brasa (figura 2).



Figura 1 – Fotografia de escarificação



Figura 2 – Fotografia de branding

Há também a inserção de implantes subcutâneos (FERREIRA, 2004), que consiste na colocação de objetos por debaixo da pele para o surgimento relevo (figura 3); a suspensão (FERREIRA, 2004), que consiste em erguer uma pessoa utilizando-se ganchos introduzidos em sua pele e cordas para alça-la (figura 4).

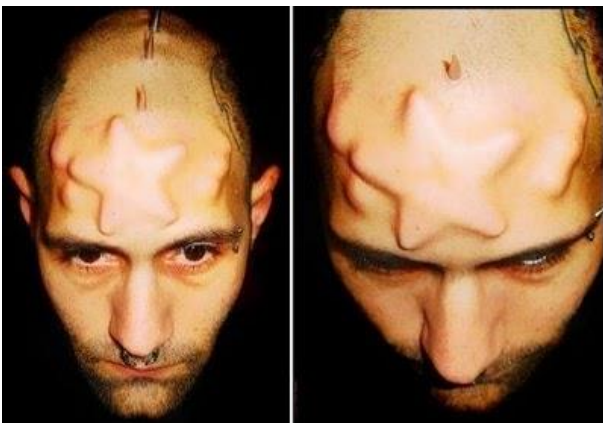


Figura 3 – Fotografia de implante subcutâneo



Figura 4 – Fotografia de suspensão

A nulificação, “que consiste na remoção voluntária de partes do corpo, como dedos, orelhas, dentes ou membros” (LOECK, 2010, p. 16) (figura 5); a bifurcação de língua, que consiste em cortar a língua ao meio mediante procedimento cirúrgico (figura 6); uso de alargadores, que são objetos usados para alargar um furo feito geralmente nas orelhas, nariz ou língua (LOECK, 2010, p. 17) (figura 7).



Figura 5 – Fotografia de nulificação de parte do nariz



Figura 6 – Fotografia de bifurcação de língua



Figura 7 – Fotografia de alargadores de orelhas

Outro procedimento que vem ganhando popularidade é a prática de tatuar os olhos, conhecida como *eyeball tattoo* (NOGUEIRA, 2015, p. 17), procedimento extremamente delicado, em que, com a utilização de uma agulha, é injetada tinta da cor escolhida pela pessoa no espaço entre a conjuntiva e a esclera, pigmentando, assim, a parte branca dos olhos.



Figura 8 – Fotografia de eyeball tattoo

Convêm ressaltar que, a tatuagem e o *piercing*, a depender do tamanho e quantidade existentes no corpo, ou até mesmo a área em que foi inserida ou projetada, podem ser considerados modificações extremas (BRAZ, 2006), uma vez que criam alterações significativas no corpo.

É oportuno frisar que quase todo procedimento que envolve alteração no corpo pode vir a trazer riscos, mesmo que pequenos, a pessoa que se submete a modificação, pois parcela destes procedimentos envolvem cortes, perfurações com agulhas ou outros métodos que estão suscetíveis à possibilidade de ocorrência de infecções.

Nenhuma modificação corporal, ainda que simples, está livre de risco. Por mais que o procedimento seja comum, como é o caso de uma tatuagem, é necessário que o modificado tome certos cuidados para que haja a correta cicatrização do procedimento.

As modificações corporais demandam cortes, incisões, perfurações ou queimaduras, a depender do tipo de modificação escolhida. Tais procedimentos estão sujeitos a infecções ou a contaminação quando não utilizado materiais esterilizados e ou descartáveis. Estão presentes também os riscos de doenças como a hepatite e HIV.

Portanto, as modificações corporais demandam dos profissionais verdadeiro estudo e análise da técnica a ser realizada, uma vez que, que o corpo humano é um objeto de trabalho frágil e que exige cuidados especiais.

3.2 PESQUISA DE CAMPO

Como já explicado acima, são várias as modificações corporais extremas que podem ser realizadas pela pessoa que assim desejar. Para fins desta pesquisa, optou-se por reduzir o campo de análise das modificações corporais para uma técnica em especial, qual seja, a *eyeball tattoo*.

Esta modificação foi escolhida para a análise de campo, pois se trata de uma técnica de modificação muito nova, considerando que a técnica de tatuar os olhos por meio de injeção foi realizada pela primeira vez em 2007 (BEAUTIFICATION, BODY ART & BODY MODIFICATION CULTURE, 2014), sendo este o método de *eyeball tattoo* mais utilizado atualmente.

Por ser uma técnica recente, ainda não se sabe ao certo quais os problemas de saúde que podem vir a ocorrer a médio e longo prazo. Pressupõe-se que, como a tinta colore a esclera, pode ser mais difícil de identificar possíveis doenças nos olhos. (BEAUTIFICATION, BODY ART & BODY MODIFICATION CULTURE, 2014)

Mesmo se tratando de um procedimento extremamente delicado e passível de complicações futuras, esta técnica de coloração dos olhos tem ganhado cada vez mais adeptos no Brasil e no mundo.

Inicialmente, cumpre salientar que o campo de pesquisa pensado para análise seria apenas com profissionais e adeptos da *eyeball tattoo* no estado do Espírito Santo. Todavia, ao iniciar uma busca presencialmente e por meio de ligações telefônicas em estúdios de tatuagem da Grande Vitória, ambientes nos quais teria maior possibilidade de encontrar algum profissional que realizasse o procedimento, foi constatada grande dificuldade em achar profissionais e adeptos da referida técnica. Dessa maneira, optou-se por expandir o campo de análise para outras partes do Brasil.

Primeiramente, foi feita uma pesquisa à procura de profissionais que realizassem a *eyeball tattoo* no site de pesquisa *Google* e na rede social *Facebook*, os quais

surtiram poucos resultados. Depreende-se que, por ser uma técnica tida como proibida, são pouquíssimos os profissionais que divulgam o seu trabalho de forma ampla.

A pesquisa concentrou-se, então, na rede social *Instagram*, por meio de busca na própria rede relacionada às *hashtags* “#eyeball” e “#eyeballtattoo”. Foram enviadas mensagens a adeptos e profissionais que foram localizados por meio de fotos ou vídeos postados indagando aos mesmos se teriam disponibilidade para participar de uma pesquisa sociológica sobre modificações corporais, em especial, sobre a prática da *eyeball tattoo*.

Ao todo foram enviadas mensagens a quinze pessoas, dentre as quais obtive resposta de sete. Sendo três adeptos e cinco profissionais que, ao menos, responderam a mensagem enviada e mostraram-se dispostos a participar da pesquisa. Os demais não responderam a solicitação da pesquisa, ou não visualizaram a mensagem no tempo estipulado.

Para a entrevista, foi pré-estabelecido perguntas a serem feitas aos adeptos, em que se pretendia questionar quais as modificações já foram feitas pelo mesmo e quais ele pretende fazer; como foi fazer o procedimento da *eyeball tatto*, em que se pretendia obter informações do ponto de vista do adepto sobre a experiência por ele vivida, antes, durante e depois do procedimento, e por último, sobre a percepção dele à respeito da reação da sociedade.

Os adeptos entrevistados foram muito solícitos em contribuir para a pesquisa, respondendo as perguntas e outros tantos questionamentos que surgiram no decorrer da conversa.

No mesmo sentido, também foram pré-estabelecidas perguntas aos profissionais, em que se pretendia debater acerca de como é feito o procedimento da *eyeball tatto*, questionando sobre a existência ou não de uma conversa preliminar com o cliente, e se é comunicado ao cliente os riscos do procedimento; nessa linha, se este mesmo profissional já deixou de realizar o procedimento em alguém e por quê. Com o objetivo de analisar se o profissional estabelece alguns cuidados que o cliente deve

seguir após o procedimento, questiona-se se o profissional estabelece alguma precaução que deve ser observada pelo cliente durante o processo de cicatrização. Por fim, com o propósito de obter informações acerca de possíveis ações judiciais que possam ter sido propostas por clientes insatisfeitos com o procedimento, indagasse-se se o profissional já teve que enfrentar alguma ação judicial proposta por um cliente.

Mesmo tendo sido enviada uma mensagem de apresentação, informando ao profissional que se tratava de uma solicitação de participação em uma pesquisa sociológica sobre modificações corporais e sobre o procedimento da *eyeball tatto*, os profissionais se mostraram, de certa forma, desconfiados, e solicitaram o envio das perguntas previamente, para, após análise das perguntas, confirmarem se responderiam ou não a pesquisa.

Um dos profissionais solicitou o envio das perguntas para ir respondendo aos poucos devido ao intenso número de clientes em seu estúdio, o que impossibilitava o mesmo de parar e responder.

Todavia, após o envio de mensagens contendo as perguntas solicitadas, os profissionais deixaram de responder. Após pesquisas no site de pesquisa *Google*, foi constatado que um dos profissionais possui processos em aberto devido a assédios a clientes e por ter realizado procedimentos errados. Imaginamos que, devido à última pergunta questionar a existência de ações judiciais, o profissional deixou de nos responder.

3.2.1 Análise das entrevistas

A pesquisa foi realizada entre os dias 24 e 30 de outubro do presente ano na rede social *Instagram*. No período compreendido entre os dias 26 e 27 de outubro foram entrevistados três adeptos de modificações corporais que realizaram o procedimento da *eyeball tattoo*.

O “entrevistado 01” tem 25 anos, é tatuador e *body piercer* do Rio Grande do Sul; o “entrevistado 02”, é tatuador e *body piercer*, do Estado de São Paulo, e “o entrevistado 03”, é tatuador e *body piercer*, de Brasília.

Além do *eyeball tattoo*, o “entrevistado 01” possui escarificação, língua bifurcada, tatuagens e tinha implantes localizados na testa que optou por retirar devido à rejeição que seu corpo estava tendo. Todavia, ele pretende fazer novos implantes no braço, escarificações, nulificação ou novas modificações que possam surgir.

Já o “entrevistado 02” disse possuir apenas tatuagens e pretende fazer bifurcação de língua. E o “entrevistado 03”, além da *eyeball tattoo*, possui

duas scar “scarification” que são cicatrizes feitas propositalmente com desenhos pre definidos, tenho dois *biglabret* que são alargadores na boca, big-septum que um alargamento no septo nasal e algumas tatuagens e piercings que são considerados mais comuns pela sociedade atualmente.

A entrevista com os dois primeiros entrevistados foi realizada por meio de chamada de vídeo no aplicativo *Whatsapp*. Já o terceiro entrevistado enviou as respostas das perguntas descritas anteriormente por meio de mensagens via *direct* da rede social *Instagram*.

O procedimento da *eyeball tattoo* foi considerado pelos entrevistados um procedimento simples e rápido. Segundo o “entrevistado 03”, o procedimento é “praticamente indolor”, e consiste em “uma pequena “picadinha” seguida de um pouco de pressão”.

O “entrevistado 01” contou que ele e seu cunhado foram juntos a São Paulo para fazer a *eyeball tattoo*, e segundo ele, enquanto que no procedimento dele a cicatrização foi “tranquila”, seu cunhado teve as bolsas lacrimais manchadas pela tinta

É um dos riscos que a gente corre né, não tem como ter uma medida ali e tal. Porque a tinta, tipo, como tá perfurado ela vai sair o excesso, o olho vai expelir o excesso né, e aí esse excesso a gente tem que ir limpando e cuidando, passando colírio pra tirar, porque se não ele desce pra bolsa lacrimal e acaba manchando [...]. “Entrevistado 1”

Ao questionar o “entrevistado 02” sobre o procedimento ser doloroso, ele disse que

[...] você sente a pressão da tinta, sente a agulha penetrando né, sente a pressão da tinta estufando o olho a cada aplicação. Umhas cinco aplicações em cada olho, né, uma em cada canto. Quando ia aplicar em um canto tinha que olhar pro outro [...] se você voltar involuntariamente você fica cego [...].
“Entrevistado 2”

Ademais, ao questionar o “entrevistado 01” acerca da *eyeball tattoo* ser um procedimento muito invasivo ele respondeu que o procedimento da *eyeball tattoo* “ainda está em fase de testes, vamos dizer assim, a gente é cobaia, no caso”.

É possível notar que todos os entrevistados, antes de fazerem a *eyeball tattoo* tinham realizado outras modificações consideradas mais simples. De fato, quer seja pelo risco que o procedimento pode acarretar ou pela grande mudança irreversível do procedimento, a *eyeball tattoo* não parece ser a modificação corporal preferida, de início, para quem deseja modificar seu corpo. Na maioria dos casos, opta-se por tatuagens.

Todos os entrevistados relataram terem pesquisado antes sobre o procedimento e possíveis profissionais em *sites* antes de fazerem o procedimento, demonstrando, assim, terem ciência dos possíveis riscos e consequências. Segundo o “entrevistado 02” “[...] pesquisei bem os riscos [...] e pesquisei também as pessoas com quem eu iria fazer né, pra ver, e, qualificação de trabalho deles, pesquisei o passado deles [...]”.

No mesmo sentido, o “entrevistado 03” disse que

Sim pesquisei e conversei muito com o profissional antes de fazer, para saber dos riscos e cuidados, não nego o nervosismo que tive no dia haha, mas ele conversou bastante me deu meu “tempo” para relaxar e não ficar nervoso no momento do procedimento.

Segundo o “entrevistado 01” a *body modification* traz um risco que ele está disposto a correr, mesmo sabendo dos possíveis problemas que podem ocorrer no futuro.

O eyeball acarreta bastante problema porque, tipo assim, ahm, como ele tampa os vasos sanguíneos acaba atrapalhando o médico fazer algum exame, [...] pela visão não tem como fazer por causa da tinta que ela acaba

coabrindo e atrapalhando e eles não sabem o que eles podem fazer. [...] pode acarretar catarata, esses problemas que tem na visão podem querer me dar, é mais fácil, no caso né, mas é um risco que a gente corre. No caso eu, eu tenho bouthmoth no meu rosto porque, tipo, eu amo modificação corporal né, eu curti desde pequeno e sempre falei que eu ia fazer e aí é minha vida né, eu gosto disso, trabalho com isso né, então pra mim o risco não é nada, se acontecer alguma coisa, aconteceu.

Sobre o pós-procedimento, os entrevistados 01 e 02 disseram terem sido informados acerca dos cuidados que deveriam ter. Todavia, enquanto que para o “entrevistado 01” os dias após o procedimento foram sem grandes preocupações, o processo de cicatrização do “entrevistado 02” foi mais demorado.

[...] ele me passou assim, tipo, ah, ir passando colírio após o procedimento, limpando com algodão, tirando o excesso ali pra não cair na bolsa lacrimal e tal. Então, tipo, eu fui fazendo esse procedimento acho que em torno de, tipo, de um dia e meio, dois dias, no máximo já tava suave, assim, sem coceira, sem nada. Meu olho tava tranquilo, eu tava enxergando de boa. [...] (entrevistado 01)

A cicatrização ela é a chata, na hora quando você termina de aplicar, a primeira aplicação das cinco que aplica no olho, na primeira aplicação já começa a dar irritação no olho. O olho parece que já pegou conjuntivite, parece que jogou areia dentro do olho, é essa a sensação. E assim que acaba de aplicar nos dois é essa sensação durante quinze, vinte dias, parece que tem conjuntivite. (entrevistado 02)

Importante ressaltar que, coincidentemente, ambos os entrevistados 1 e 2 realizaram o procedimento com um mesmo profissional. Conforme relatado por ambos, este mesmo profissional mesmo após dois anos de procedimento tem esclarecido todas as dúvidas por eles relatadas.

Por fim, tendo em vista ser um procedimento diferente e que chama a atenção das pessoas principalmente por ser de difícil fazer com que não se perceba, foi perguntado aos entrevistados sobre as possíveis reações e preconceitos da sociedade.

Assim, ah, como eu moro em Novo Hamburgo né, é perto de Porto Alegre, mas pra cá, vamos dizer que é mais interior né, o pessoal é assim, mais reservado. Então tipo, até hoje, aqui, eu acho que tem... na cidade que eu moro eu acho que só eu tenho eyeball, na cidade do lado tem meu cunhado, tem mais uns três, quatro que tem. Então são poucas pessoas pra cá que tem. Então até hoje na rua a reação das pessoas é a mesma, né: é o demônio, vou chamar os irmãos Winchester, vou chamar o exorcista, perguntam se tenho doença no olho. O preconceito [*sic*] se sofre todo dia. Todo dia que eu saio na rua é uma pergunta diferente, é alguém me

parando pra falar alguma coisa, é algum testemunha de Jeová, ah, alguma coisa assim, entendeu? [...] Mas eu vou levando, no caso a gente tem que aceitar. Como eu decidi ser assim eu já tinha noção de que ia assustar um grupo de pessoas, né, e ia acabar sendo uma coisa diferente. (entrevistado 01)

Presumimos que, o “entrevistado 01”, por morar no interior e ser o único de sua cidade que possua *eyeball tatto* sofra mais preconceitos que os demais entrevistados, enquanto que os entrevistados “02 e 03”, por viverem respectivamente em São Paulo e Brasília, onde é possível supor uma maior diversidade social, o preconceito seja menos evidenciado, haja vista que nessas regiões a tatuagem deixou de ser considerada um registro de marginalidade e se tornou uma forma de expressão, como afirma Rodriguez (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014, p. 746-755).

Tem uns que tem medo né, tem umas mulher que quase cai, [*sic*], que toma susto. Criança fica em pânico e sai correndo atrás do pai e da mãe quando fica pra trás. É cada situação engraçada. Até os cara mesmo [...]. É cada situação engraçada que eu fico dando risada com uns colega meu. É muito engraçado mesmo. Aí tem as pessoas também que admiram, as pessoas que curte [...] (entrevistado 02)

No inical [*sic*] e bem nítido perceber que muitas pessoas olham e comentários sobre, mas com o tempo se torna algo tão natural pra min e pessoas que convivem comigo que eu praticamente esqueço que tenho haha, as vezes perguntas como “o que e isso no seu olho???” Aí eu fico pensando “ué o que tem de diferente no meu olho???” Como e no próprio olho só vejo em reflexo de espelho e fotos, como também não altera em nada a visão e algo que já e parte de mim, não me vejo com os olhos branco de novo. (entrevistado 03)

Mesmo que implícito, é possível perceber que o preconceito é grande, não só com adeptos da *eyeball tatto*, mas também com os adeptos de outras modificações corporais. Essa e outras técnicas tendem a causar certo estranhamento das pessoas em volta.

Através das entrevistas pode-se constatar que, diferente do que se imaginava o procedimento da *eyeball tatto*, não é um procedimento complicado, existindo outros procedimentos bem mais dolorosos para o modificado, como a aplicação de implantes ou a nulificação.

Além disso, pode-se constatar que os adeptos estudaram sobre os possíveis riscos presentes e futuros do procedimento e também foram alertados pelos respectivos profissionais. Mesmo assim, optaram por seguir com a escolha desejada.

Por mais que se trate de uma prática delicada, o desejo do indivíduo de modificar seu corpo torna-se mais importante que os riscos do procedimento. Pois a modificação corporal é tida como um meio de expressão do indivíduo e seu corpo frente à sociedade a sua volta, sendo, pois, resultado das escolhas de cada indivíduo e das influências sofridas pelo mesmo. Dessa forma, é possível perceber a forte relação do indivíduo com o habitus ao qual está inserido, o que faz com que o mesmo adeque seu corpo conforme as necessidades de identificação com a sociedade ao qual pertence ou deseja diferenciar-se.

Neste sentido, “a identidade e o corpo se tornam ‘projetos organizados reflexivamente’ esculpido da completa pluralidade das escolhas oferecidas pela modernidade” (Shilling, 1993, p. 157), de modo que as modificações realizadas pelo indivíduo em seu corpo tornam-se um projeto a ser criado pelo indivíduo a fim de representar ou recriar a sua identidade diante das várias nuances da modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo tem se transformado juntamente com a sociedade ao qual está inserido. Quer seja através de um corpo recatado, reprimido ou uma engrenagem no sistema industrial, o corpo mostrou-se moldável aos padrões existentes nas sociedades.

O corpo se tornou um objeto reconfigurável capaz de transformar-se de acordo com o meio ao qual está inserido. Neste sentido o corpo se tornou um agente social capaz de identificar o indivíduo, quer seja a classe social ao qual ele pertence, sua profissão ou grupo social.

Posto isso, o corpo não é apenas uma composição biológica, mas é também os variados sentidos e fatores socioculturais que o adornam, pois o indivíduo tende a adequar seu corpo de acordo com o ambiente ao qual pertence.

Além disso, o corpo se tornou mercadoria, devido, principalmente a influência midiática e sua disseminação de um padrão corporal ideal, em que as pessoas que não possuem o padrão de corpo ideal buscam atingi-lo a qualquer custo, sendo que, por vezes, se tornam vítimas das pressões sociais, sendo influenciadas a agirem por impulso. O que pode vir a acarretar sérias consequências quando o resultado alcançado não for considerado o resultado esperado.

Convém ressaltar, também, que o fato de vivermos em uma sociedade extremamente visual e que está em constante renovação, corrobora com a procura de muitos por suas identidades pessoais, as quais estão cada vez mais difíceis de existir, considerando que a todo o momento somos influenciados a adotar certos comportamentos e padrões considerados ideais.

Adiante, foram vários os períodos de repressão ao corpo no Brasil, vividos de diferentes formas. No entanto embora tais períodos estejam no passado, os resquícios da repressão ainda permanecem na sociedade de hoje, mascarados pelo preconceito racial advindos do período escravocrata, e o machismo, acompanhado

da violência contra mulher, que representa de certa forma, um vestígio da sociedade patriarcal brasileira.

Por fim, pode-se constatar que as modificações corporais, sejam elas simples ou extremas, representam formas do modificado registrar em seu corpo suas emoções, lembranças e acontecimentos.

Conforme analisado nas entrevistas, os perigos advindos destes procedimentos, em especial o da *eyeball tattoo*, embora um aspecto importante, não foi um fator que levou aos entrevistados a desistirem do procedimento. Apenas levou aos mesmos a estudarem sobre a melhor técnica e profissional, a fim de diminuir os possíveis riscos.

Os adeptos das modificações extremas enfrentam grande preconceito por parte da população, o que, de certa forma, é previsto pelos mesmos, visto que, pelas modificações constituírem práticas capazes de alterar de forma singular a aparência do indivíduo, tendem a ser malvistas.

Todavia, uma modificação corporal extrema, embora pouco comum, insere o indivíduo modificado em um novo grupo na sociedade, qual seja, o dos indivíduos que também realizaram o mesmo procedimento. Logo, as modificações corporais extremas, mesmo que fujam dos padrões ideais, também representam um padrão a ser seguido pelos adeptos.

Desse modo, o meio ao qual estamos inseridos e suas práticas sociais constituem formas de reconfiguração do corpo, capazes de adequar o indivíduo frente às exigências da sociedade ao qual está inserido.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A política**. Traduzido por Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Vozes, 1987.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BAUDRILLARD, J. A **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Elfos Ed. Lisboa. 1995.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 2011. p. 24-34.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.

BRASIL. ATO INSTITUCIONAL Nº 5, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1968. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm> Acesso em: 25 mai. 2017.

_____. LEI No 4.121, DE 27 DE AGOSTO DE 1962. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4121.htm> Acesso em: 25 mai. 2017.

_____. LEI Nº 6.515, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1977. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6515.htm> Acesso em: 25 mai. 2017.

_____. LEI No 10.406, DE 10 DE JANEIRO DE 2002. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm> Acesso em: 25 mai. 2017.

_____. LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 30 out. 2018.

DURKHEIM

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Além da pele**: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo. 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

FERREIRA, Vítor Sérgio. Do renascimento das marcas corporais em contextos de neotribalismo juvenil. In. PAIS, J. M. (Org.); BLASS, L. M. S. (Org.). **Tribos Urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo. Annablume, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Disponível em <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-microfc3adsica-do-poder.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2017.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G; NECKEL, J; GOELLNER, S. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

GOLDEMBERG, M. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LACAN, Jacques. (inédito b). **Le séminaire, livre IXX ... Ou pire**. (lição de 8/12/71). (Seminário proferido em 1971-72).

LARA, Silvia Hunold. **"O castigo exemplar" em campos da violência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Rio de Janeiro . Vozes. 2. Ed. 2007.

LENHARO, Mariana. Cai número de plásticas no Brasil... **Globo.com**, São Paulo, 27 ago. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/08/cai-numero-de-plasticas-no-brasil-mas-pais-ainda-e-2-no-ranking-diz-estudo.html>> Acesso em: 25 jan. 2017.

LOECK, Leonardo. **Os significados do corpo para as pessoas adeptas das modificações corporais extremas**. Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MENEZES, Nívea Maria Silva. **Body Modification**: uma reflexão sobre a educação do corpo da juventude contemporânea. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em educação, UNIMEP, Piracicaba, São Paulo, 2008.

NOGUEIRA, Nayane dos Santos. **Corporalidades, body modification e a sociedade contemporânea**. Monografia apresentada à Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília/UnB. Brasília, DF, 2015.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da Arte. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, VI, 1, mar. 2013. 76-85

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Dissertação de mestrado apresentada no programa de pós-graduação em antropologia social no museu nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

RODRIGUEZ, L. S; CARRETEIRO, T. C. O. C. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. **Psicologia & Sociedade**, 26(3). 2014, p. 746-755.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação**: sintoma de cultura. São Paulo: Paulus, 2004, p. 125.

SHILLING, Chris. **The Body and Social Theory**. Londres: Sage, 1993, p. 157.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida de. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: vol. 4. n. 9. p. 171-188. mar. 2007.

SOUZA, Mayara Paiva de. Luto e memória das vítimas da ditadura militar no Brasil: o caso de Frederico Mayr. **Revista de História e Estudos Culturais**. Goiás, vol. 12, Ano XII, nº 1, Jan-Jun, 2015.

TV PUC-Rio: David Le Breton interpreta os sentidos do corpo. **Youtube**. 11 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JviC2DjTk4A>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

T. Angel. Eyeball Tattooing: respostas para as perguntas frequentes. **Beautification, Body Art & Body Modification Culture**. 16 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.frrrkguys.com.br/eyeball-tattooing-respostas-para-as-perguntas-frequentes/>> Acesso em: 19 nov. 2018.

TEMPOS MODERNOS. Direção: Charles Chaplin. Produção: Patrícia Santans. Roteiro: Charles Chaplin. Intérpretes: Charlin Chaplin; Paulette Goddard; Henry Bergman, Stanley Sandford, Chester Conklin. United Artists, 1936. 1 filme (87 min).

Turner, B. (1992). Recent developments in the theory of the body. In M. Featherstone, M. Hepworth, & B. Turner (Eds.), **The Body. Social process and cultural theory** (pp. 1-35). London: Sage Publications.

VIEIRA, Mônica Silveira. **Direito ao Corpo** – Modificações corporais, limites da disponibilidade e responsabilidade. Editora Juruá. 2015.

VIÑAR, Marcelo. **Exílio e tortura**. São Paulo: Escuta, 1992.

VIÑAR, Marcelo. **Entrevista concedida a Arnaldo Franco Júnior**. 2008. Disponível em: < <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/255>> Acesso em: 25 mai. 2017.